

CHAT EDUCACIONAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ENFERMAGEM¹

Porto Alegre – RS – 05/2010

Ana Paula Scheffer Schell da Silva

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pampa – anaschell@gmail.com

Conteúdos e Habilidades (B)

Educação Universitária (3)

Relatório de Pesquisa (A)

Investigação Científica (1)

RESUMO

Esta é uma pesquisa documental com abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Teve como objetivo analisar como se desenvolveu a autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem em um contexto mediado por chat educacional em Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Foram analisadas oito discussões promovidas por alunos, professores e monitores no chat do AVA TelEduc®. Utilizou-se o software NVivo® para a categorização dos dados e, para a análise das informações, a Análise de Conteúdo de Bardin. A análise foi ao encontro do referencial da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire, revelando que é necessário que o aluno de Enfermagem desenvolva a autonomia mediante o dar-se conta de seu inacabamento. Isso pode ser realizado com a ajuda de professores que adotem a metodologia da problematização e do desenvolvimento de relações dialógicas críticas. Destaca-se o chat educacional como ferramenta que incentiva os alunos de Enfermagem a construir o conhecimento de forma autônoma.

Palavras-chave: educação em enfermagem; educação a distância; conhecimento; aprendizagem; autonomia profissional; internet

1 - Introdução

Um dos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da Área da Saúde é “estimular práticas de estudo independente, visando uma progressiva autonomia intelectual e profissional” [1]. A autonomia do profissional enfermeiro é um tema importante para a definição e revisão dos

objetivos e desafios da profissão, para compreender a maneira como ele se apresenta e se relaciona com os demais integrantes da equipe de saúde e com a sociedade, de forma que possa interferir no estabelecimento das prioridades na assistência [2], [3].

Acredita-se que as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) possibilitam um potencial de estímulos e desafios para a prática da curiosidade, o que poderá auxiliar o aluno na construção de sua autonomia. No caso específico do ensino de Enfermagem, o oferecimento de momentos em que o aluno precisa decidir e exercer sua autonomia pode rever situações nas quais ele apenas memoriza o conteúdo sem conseguir realmente conhecer ou aprender sobre o objeto estudado.

Uma das ferramentas de comunicação digitais úteis para o ensino, que pode estar incorporada ou não a Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), é o bate-papo virtual ou *chat* educacional, que tem o objetivo de discutir determinado conteúdo e se processa de forma que os alunos, os monitores, os tutores e os professores estejam conectados ao mesmo tempo, o que caracteriza uma comunicação síncrona [4].

Este trabalho tem como objetivo analisar como se desenvolve a autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem em um contexto de aprendizagem mediado por *chat* educacional em AVA. Foi utilizada a *Pedagogia da Autonomia* proposta por Paulo Freire [5] para identificar e analisar as relações e comunicações estabelecidas entre alunos e professores nesse meio virtual.

2 - Método

Trata-se de uma pesquisa documental retrospectiva com abordagem qualitativa do tipo estudo de caso [6]. Foi desenvolvida na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com os registros de oito *chats* educacionais produzidos entre os semestres 2005/1 e 2006/2 por estudantes, professores e monitores no AVA TelEduc[®] na disciplina de Fundamentos do Cuidado Humano III (ENF02001) do curso de graduação em Enfermagem.

O número total de participantes foi de 190 sujeitos, sendo que 185 eram alunos (160 do sexo feminino e 25 do sexo masculino), três professores (duas do sexo feminino) e duas monitoras. Para preservar a identidade dos participantes, foi adotada a denominação “A” para *Aluno*, “G” para *Grupos de Alunos*, “P” para *Professor* e para “M” *Monitor*.

Para o tratamento das informações, caracterizadas nesse estudo como os diálogos entre alunos, professores e monitores, foi utilizado o *software* NVivo® versão 7.0 e a técnica de Análise de Conteúdo [7] com categorias definidas *a priori* a partir do referencial proposto [5]: Autonomia, Acomodação, Relação Dialógica e Ação Antidialógica. Não foram encontradas ações antidialógicas nos dados analisados.

O projeto de pesquisa recebeu parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS para execução (número 2007825). Utilizou-se Termo de Compromisso de Utilização de Dados que foi assinado pelas pesquisadoras, onde constou o compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados, e o anonimato dos sujeitos [8].

3 - Resultados e Discussão

3.1 - Acomodação

Quando a pessoa perde sua capacidade de escolha, seja por omissão ou imposição alheia, suas decisões passam a não ser mais suas porque alguém já decidiu por ela. Nesse momento ocorre o ajustamento, a acomodação do indivíduo frente à imposição do outro, pois ele se cala, não opina, não dialoga, não decide e, portanto, não participa. Nesse comportamento, razão e criticidade estão presentes, porém diminuídas em função da adaptação da pessoa ao contexto vivenciado. A educação que pretende adaptar o aluno na verdade está o acomodando, pois está impedindo-o de agir, de transformar o ambiente à sua volta [9], [10].

O trecho, a seguir, evidencia essa forma de comportamento de alunos de Enfermagem:

(11:04:11) **A91** fala para **Todos**: *acho q achamos q o q era normal não precisava ser descrito.*

(11:05:08) **A106** fala para **P3**: *ah, eu tb fiquei com essa dúvida, se precisa descrever as normalidades.*

(11:05:48) **G22** fala para **P3**: *achamos que o que era normal ficava subentendido quando descrevíamos a patologia.*

(11:05:58) **P3** fala para **Todos**: *nesta fase em q vcs se encontram é importante descrever as normalidades principalmente para se habitarem com a linguagem científica.*

(11:06:35) **A95** fala para **Todos**: *descrever as normalidades?*

É preciso que o educador auxilie o aluno de Enfermagem a passar da ingenuidade para a criticidade, desenvolvendo nele a curiosidade. No caso acima, o professor instigou que as alunas deveriam descrever as normalidades para se habitarem com os termos científicos. Mas é preciso mais, pois o acadêmico (e futuro profissional) precisa compreender o significado dos termos técnicos para entender o que está sendo referido no prontuário do paciente, além de se comunicar com os demais colegas da área da saúde e com o próprio paciente, que muitas vezes não entende a explicação técnica recebida demonstrando, com isso, que valoriza seu paciente e que ele faz parte do cuidado que está sendo realizado.

3.2 - Relação dialógica

Não há diálogo onde não há um pensar verdadeiro e crítico, porque o pensar ingênuo leva à acomodação e o pensar crítico leva à permanente transformação da realidade e humanização. O pensamento crítico do educador não deve se opor à capacidade de pensar criticamente do aluno, uma vez que a relação dialógica tem início quando o sujeito se abre ao mundo e aos demais à sua volta de forma inquieta e curiosa [5], [10]. As relações dialógicas puderem ser evidenciadas na relação professor-aluno e na relação aluno-aluno.

O professor tem como tarefa problematizar com os educandos o conteúdo que está sendo estudado, e não apenas apresentá-lo como se fosse algo elaborado e estanque. Deve escutar seus alunos e respeitar a compreensão que eles têm de sua realidade, aproveitando suas experiências e incorporando-as às discussões em sala de aula [5], [10]. O trecho abaixo exemplifica essa ocorrência:

- (10:18:53) **G1** fala para **P1**: Professora, como podemos comentar a respeito dos sintomas, dando a entender q o paciente é diabético e não sabe, sem estar fazendo um diagnóstico médico? Podemos sugerir um TTGO? Ou HGT???
- (10:19:59) **P1** fala para **G1**: Somente colocando glicemia capilar, sinais e sintomas (poliúria, polaciúria, fome, infecções,...)
- (10:21:04) **G1** fala para **P1**: Mas não há nada q nos impeça de pedir uma glicemia capilar???
- (10:21:39) **P1** fala para **G1**: Não, mas só isso não quer dizer DM.
- (10:25:50) **P1** fala para **Todos**: Só hiperglicemia não quer dizer DM. O que poderia fazer a glicemia subir???
- (10:26:50) **G1** fala para **P1**: infecções.
- (10:27:25) **A2** responde para **Todos**: ingestão de alimentos pouco antes da testagem.
- (10:27:34) **G1** fala para **P1**: comprometimento pancreático (que não quer dizer DM.)
- (10:28:21) **G1** fala para **P1**: comprometimento renal, causa outro tipo de diabetes.
- (10:29:04) **G2** fala para **Todos**: em situação de estresse, ou ingestão de alimentos ricos em carboidratos
- (10:31:53) **G1** fala para **Todos**: a enf pode verificar, mas a minha dúvida é: só anotamos o resultado, sem outra observação ligando os sintomas????
- (10:32:34) **P1** fala para **Todos**: É tudo junto, examinamos, verificamos a glicemia, vemos o prontuário e decidimos.

Percebe-se que a professora aproveitou os conhecimentos das alunas e os incorporou à discussão, o que enriqueceu a problematização do conteúdo durante o *chat* educacional. O excerto trata-se de uma relação dialógica em que as posturas e evidências de conhecimentos prévios de ambas as partes, professora e alunas, fazem emergir um novo conhecimento, instituindo-se, dessa forma, a produção ou construção do saber. O papel do educador estará focado em auxiliar o aluno a interpretar, relacionar e contextualizar essas informações, mobilizando a vontade de aprender criticamente. O ensino interativo requer do professor sensibilidade para promover modificações no pensamento do aluno à medida que os expõem a novas idéias, valorizando suas experiências anteriores e fortalecendo-os para se tornarem aprendizes independentes [11], [12].

O professor que utiliza o *chat* educacional deve permitir que os alunos interajam entre si o máximo que quiserem e só deve intervir quando for necessário, pois a comunicação entre os alunos deve ser maior que com o próprio docente. O professor é mais um incentivador da atividade, portanto ele

precisa deixar espaço para que os alunos discorram sobre suas dúvidas e se posicionem frente à discussão. Essa interação entre os alunos pode ser percebida no *chat* educacional quando eles “trocam suas experiências, expõem suas idéias e sentem liberdade para questionar o outro” [13]. No trecho a seguir podemos evidenciar essa postura dos sujeitos:

- (10:39:15) **G10** fala para **Todos**: *mas por exemplo, se o paciente restringir o acesso ao seu prontuário, por conter informações sigilosas e um familiar solicitar vê-lo. O q fazemos?*
- (10:39:57) **A30** fala para **Todos**: *G10 - que eu saiba, o pact. tem o direito de não querer que outras pessoas vejam.*
- (10:40:35) **A35** fala para **Todos**: *G10, aí entra a questão ética do sigilo e segredo.*
- (10:41:20) **G12** fala para **Todos**: *Mas A35, todo paciente tem o direito de ver sua pasta conforme a lei...*
- (10:41:45) **A30** fala para **Todos**: *o pact. G12, e não o familiar e este não permitir.*
- (10:42:01) **A35** fala para **Todos**: *G12 tô falando da questão de um familiar querer ver o prontuário e o paciente não permitir.*
- (10:42:06) **A30** fala para **Todos**: *SE O PACT. NÃO SE OPUSER TUDO BEM.*
- (10:45:09) **P1 e P2** fala para **Todos**: *retornando a questão do direito do cliente. O paciente lúcido, orientado pode pedir para ler o prontuário no hospital e ele lê [...]. O familiar que for responsável legal tb pode (menor de 18 anos, maior de 65 anos inapto, sem lucidez não).*

Observa-se a relação dialógica estabelecida entre as alunas que discutem acerca do direito do paciente sobre o seu prontuário. Diversos questionamentos são feitos entre as alunas, que buscam responder conforme o conhecimento prévio que têm sobre o assunto. As professoras somente intervêm ao final da discussão, elucidando os pontos que não ficaram claros, permitindo o máximo de interação entre as estudantes. As alunas sentem liberdade em questionar umas às outras, problematizando o assunto em questão e levantando diversas possibilidades da ocorrência de situações no ambiente hospitalar.

3.3 - Indícios de autonomia

A autonomia é um processo que se fundamenta nas várias experiências de decidir, pois “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir [e] ninguém

é sujeito da autonomia de ninguém”. O educador, para desenvolver a autonomia de seus alunos, precisa realizar atividades que estimulem a tomada de decisão e a responsabilidade para que eles aprendam a decidir com liberdade, assumindo todas as conseqüências desse ato [5]. A atividade proposta estimulou a capacidade de decisão de algumas alunas, como se pode perceber no trecho a seguir:

(10:26:04) G16 fala para P1: Prof., pensávamos q só seguir um roteiro e o preenchê-lo seria muito superficial. Então, nos utilizamos de vários modelos de anamnese e criamos uma nossa.

(10:26:26) P1 fala para Todos: Isso, não existe modelos únicos.

Quando a discussão referiu-se a anamnese e ao exame físico de Enfermagem, as alunas, ao perceberem que não existiam muitos roteiros prontos, resolveram pesquisar vários deles e adaptá-los às necessidades do paciente. Isso foi importante, pois elas exerceram a curiosidade, a capacidade de decidir e de se responsabilizar sobre o ato de criar o próprio modelo de Histórico de Enfermagem. A educação a distância vem sendo apontada como uma estimuladora da autonomia do aluno porque a distância física existente entre os atores do processo de ensino faz com que os alunos desenvolvam um comportamento de gerenciamento do seu aprendizado, visto que precisam planejar os períodos de estudo, o tempo que será gasto em cada atividade e organizar a prioridade dos conteúdos a serem estudados [14]. Alguns professores de Enfermagem têm percebido que os estudantes assumem maior responsabilidade por sua aprendizagem nos cursos a distância via internet, que pensam criticamente e que participam bem mais que na modalidade presencial [15].

4 - Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como se desenvolveu a autonomia no processo de construção do conhecimento de alunos de Enfermagem mediado por uma ferramenta digital síncrona em AVA. Os temas para a análise foram definidos *a priori* com o auxílio do referencial da *Pedagogia da Autonomia* [5], pois a autonomia é uma característica importante

tanto no aluno, na busca pelo seu conhecimento, como no enfermeiro, que deve se manter atualizado quanto às práticas assistenciais e ser capaz de atuar como um profissional crítico, apto a decidir e responsabilizar-se por suas decisões, sejam elas assistenciais ou administrativas.

A análise das informações evidenciou que os alunos percebem que os conteúdos precisam ser aprofundados e revisados por eles próprios, mas esperam que o conhecimento seja transmitido pelo professor ou pela prática profissional. Essa percepção denota que os estudantes têm alguma consciência de seu inacabamento, mas se encontram acomodados em relação à construção de seu conhecimento.

As discussões em *chat* educacional permitiram a problematização de conteúdos possibilitando a construção de novos conhecimentos. Os alunos, em alguns momentos, foram argumentadores, possibilitando a inquietação necessária para exaustivas discussões sobre determinados temas. Os mediadores, por sua vez, permitiram o máximo de trocas entre os alunos, problematizando, incentivando-os, fazendo intervenções sempre que necessário e favorecendo o diálogo entre os participantes.

As interações em *chat* educacional também permitiram que os alunos expusessem a responsabilidade e o gerenciamento por seu aprendizado, sendo capazes de decidir e de se responsabilizar pela elaboração de roteiros de anamnese e exame físico específicos às necessidades de seus pacientes. Esse comportamento é um indício de amadurecimento da autonomia dos alunos quanto à construção do seu conhecimento.

Para que o aluno de Enfermagem desenvolva a autonomia é necessário que ele se dê conta do seu inacabamento, e isso pode ser feito com a ajuda de professores preparados para realizar a problematização, através do desenvolvimento de relações dialógicas críticas, de conteúdos e experiências práticas da profissão. Para que essa educação seja possível são necessárias atividades pedagógicas significativas para os alunos. A discussão em *chat* educacional é uma das estratégias que os professores podem utilizar para incentivar os alunos a buscarem o conhecimento para a e pela a vida.

Destaca-se o potencial das ferramentas computacionais no ensino de Enfermagem e a necessidade de mais estudos dentro da temática das TICs com embasamento pedagógico visto que cada vez mais a modalidade de

ensino a distância mediada pela internet, bem como o uso de ferramentas *online*, estão sendo incorporadas aos cursos voltados a todas as esferas, seja na graduação, pós-graduação e educação permanente de enfermeiros.

¹ Trabalho extraído de dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul defendida sob a orientação da Dr^a Eva Néri Rubim Pedro.

Referências

- [1] Conselho Nacional de Educação (BR). Câmara de Educação Superior. Parecer nº 1113, de sete de agosto de 2001. Diário Oficial da União, Brasília (DF); 03 de out. 2001. [Acesso em 2009 fevereiro 11]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/113301EnfMedNutr.pdf>
- [2] Berti HW, Braga EM, Godoy I, Spiri WC, Bocchi SCM. Percepção de enfermeiros recém graduados sobre sua autonomia profissional e sobre o processo de tomada de decisão do paciente. Rev Latino-am Enfermagem 2008 março-abril; 16(2):184-91.
- [3] Gomes AMT, Oliveira DC. Estudo da estrutura da representação social da autonomia profissional em enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2005; 39(2):145-53.
- [4] Marcuschi LA. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Marcuschi LA, Xavier AC. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna; 2005. p. 13-67.
- [5] Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
- [6] Stake RE. Qualitative case studies. In: Denzin NK, LincolnYS, editors. The SAGE handbook of qualitative research. California: Sage Publications; 2005. p. 443-66.
- [7] Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.
- [8] Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde (GPPG/HCPA). Utilização de Dados de Prontuários de Pacientes e de Bases de Dados em Projetos de Pesquisa. 2007. [Acesso em 09 agosto 2009]. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/res197hc.htm>

- [9] Freire P. Educação como prática da liberdade. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1967.
- [10] Freire P. Educação e mudança. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1979.
- [11] Moran JM. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus; 2007. 174 p.
- [12] Ridley R. Interactive teaching: a concept analysis. J Nurs Educ 2007 maio; 46(5):203-9.
- [13] Leal VPLV. O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: Araújo JC. Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Lucerna; 2007. p. 48-63.
- [14] Passarelli B. A educação no embate de paradigmas. In: Passarelli B. Interfaces digitais na educação: @lucin [ações] consentidas. São Paulo: Escola do Futuro da USP; 2007. p. 33-55.
- [15] Johnson AE. A nursing faculty's transition to teaching online. Nurs Educ Perspectives 2008 January-February; 29(1):17-22.